



O RACISMO COMO UNIDADE ATÓPICA NO DISCURSO POÉTICO *IRENE NO CÉU* DE MANUEL BANDEIRA, ESCRITO NO MODERNISMO LITERÁRIO BRASILEIRO

Jarbas Vargas Nascimento¹
Ramon Silva Chaves²

Resumo: Este artigo examina as condições sócio-históricas de produção e as unidades atópicas no discurso *Irene no Céu*, escrito por Manuel Bandeira no modernismo brasileiro. Filiados à Análise de Discurso de linha Francesa, consideramos que o discurso de nosso interesse é constituído por meio de uma rede interdiscursiva que possibilita a presença do discurso atópico racial, e este, por sua vez, configura uma imagem do negro, construída pelo branco, a qual produz efeitos de sentido de desigualdade no espaço social e influencia culturalmente a submissão hierárquica deste sujeito. Nesse sentido, propomos identificar o papel do interdiscurso e das unidades atópicas no discurso constituinte literário.

Palavras-chave: Discurso, interdiscurso, unidades atópicas.

THE RACISM AS ATOPIC UNIT IN THE POETIC SPEECH *IRENE NO CÉU* BY MANUEL BANDEIRA, WRITTEN IN BRAZILIAN LITERARY MODERNISM

Abstract: This article examines the socio-historical conditions of production and atopic units in speech *Irene no Céu*, written by Manuel Bandeira in Brazilian modernism. Affiliated to Speech Analysis of French line, we consider that the discourse of our interest is constituted through a interdiscursive network which enables the presence of the atopic race speech, and this, on the other hand, configures an image of the black, built by white, which makes sense effects of inequality in the social space and culturally influences the hierarchical submission of this subject. In this sense, we propose to identify the role of interdiscourse and atopic units in literary discourse.

Keywords: speech, interdiscourse, atopic units.

LE RACISME COMME UNITÉ ATÓPIQUE DASN LE DISCOURS POÉTIQUE *IRENE NO CÉU* DE MANUEL BANDEIRA, ÉCRIT DANS LE MODERNISME LITERÁRIO BRÉSILIEN

¹ Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral) pela Universidade de São Paulo USP. Realizou pesquisa de pós-doutoramento na área de Letras, na UNESP- Campus Assis. Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP, atualmente, na PUCSP, é Pró-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias.

² Mestrando em Língua Portuguesa pela Pontifícia universidade Católica de São Paulo, com projeto na área de Análise de Discurso de linha francesa, e pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa, também pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



Résumé: Cet article examine les conditions socio-historiques de production et les unités atopiques dans les discours *Irene no Céu*, écrit par Manuel Bandeira dans le modernisme brésilien. Affilié à L'Analyse du Discours de la ligne française, nous croyons que le discours de notre intérêt est constitué à travers de une réseau interdiscursive qui permet la présence de discours racial atópique, et ce, à son tour, configure une image du noir, construit par le blanc, ce qui produit les effets de sens de l'inégalité dans l'espace social et les influences culturellement à soumission hiérarchique de cet sujet. En ce sens, nous proposons d'identifier le rôle des unités constituantes interdiscours et atopiques dans le discours littéraire.

Mots-clés: Discours; Interdiscours; Unité Atopiques.

EL RACISMO COMO UNIDAD ATÓPICA EN EL DISCURSO POÉTICO: IRENE EN EL CIELO DE MANUEL BANDEIRA, ESCRITO EN EL MODERNISMO LITERARIO BRASILEÑO

Resumen: Este artículo examina las condiciones sociohistóricas de producción y las unidades atópicas en el discurso *Irene en el cielo*, escrito por Manuel Bandeira en el modernismo brasileño afiliados a la Análise del Discurso de línea Francesa, consideramos que el discurso de nuestro interés es constituido por medio de una red interdiscursiva que posibilita la presencia del discurso atópico racial, y este, por su vez, configura un imagen del negro, construida por el blanco, la cual produce efectos de sentido de desigualdad en el espacio social e influye culturalmente la sumisión jerárquica de este sujeto. En este sentido, proponemos identificar el rol del interdiscurso y de las unidades atópicas en el discurso constituyente literario.

Palabras-clave: Discurso, Interdiscursos; Unidades atópicas.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é examinar, no discurso literário, *Irene no Céu*, escrito por Manuel Bandeira, suas condições sócio-históricas de produção e a forma de constituição atópica do racismo. Fundamentamo-nos na Análise do Discurso de linha francesa, de modo particular, nas perspectivas que vêm sendo propostas por Maingueneau, na medida em que nos oportunizam articular Linguística e Literatura, nos limites da interdisciplinaridade que as liga e que nos propicia a abordagem de uma questão urgente em circulação entre nós. Pelo que antecede, nosso trabalho quer discutir, por conseguinte, a desigualdade racial e a constituição do racismo, que se inicia na época da instalação da escravidão do homem negro no Brasil e perdura até hoje, embora com diferentes formas de manifestação.



Para Maingueneau (2009), o discurso literário é um discurso constituinte, pois se autoriza a si mesmo, dá sentido às práticas sociais e legitima diferentes efeitos de sentido em diferentes gêneros de discursos. A proposta de Maingueneau em classificar o discurso literário como constituinte surgiu da necessidade de agrupar em uma categoria consistente aqueles discursos considerados fundadores, tais como, o discurso teológico, o filosófico, o científico e o literário. A propriedade comum a esses discursos é o fato de não admitirem outra autoridade além da sua própria. Isso significa que Maingueneau considera o modo de constituição destes discursos, que se autorizam a si mesmo. Segundo Maingueneau (2008, p. 39):

Pode-se apreender essa constituição, segundo duas dimensões: a constituição como ação de estabelecer legalmente, como processo pelo qual o discurso se instaura, construindo sua própria emergência no intradiscurso; os modos de organização de coesão discursiva, a constituição no sentido de um agenciamento de elementos formador de uma totalidade textual.

A partir desta concepção, podemos afirmar que o discurso literário, como o discurso poético de Bandeira, selecionado para este estudo, define seu espaço territorial, correlato de uma identidade discursiva, em que se polemizam e se projetam formações discursivas sobre o negro e se atravessam posicionamentos sobre a desigualdade social, que tornam o racismo tolerado no espaço social brasileiro. É este movimento de constatação de hierarquia racial que queremos ratificar no discurso de Bandeira, já que os postulados de Maingueneau sobre o discurso constituinte e as unidades atópicas podem fundamentar nossa análise, embora saibamos que a exclusão e subserviência do negro continuam se fazendo presente em muitos outros discursos em circulação em nosso meio social. Valer ressaltar, ainda, como dissemos anteriormente, que *Irene no Céu* é apenas uma amostra desses discursos que constroem uma imagem de homem brasileiro pela cor da pele, no interior do campo da língua(gem) e da literatura.

Pesquisas têm revelado que ações sobre práticas sociais dirigidas contra negros são discutidas por diferentes autores de diversas áreas do conhecimento. Nossa meta aqui é colocar em debate a questão do racismo, partindo do conceito de discurso constituinte, na medida em que *serve de norma e garantia aos comportamentos da coletividade* e mantém uma relação com o discurso atópico, conforme estudos de Maingueneau (2009 p.39). Grosso modo, o discurso atópico é aquele que fica à margem da sociedade, manifesta-se



impregnando sua ação em outros discursos e, de forma alguma, é assumido por seus enunciadore, nos processos de comunicação.

O fato de colocarmos em discussão o racismo como uma unidade atópica presente em um discurso constituinte, por si só já se apresenta positivo e relevante, pois podemos integrar, por meio de um diálogo interdisciplinar, a Linguística e a Literatura, que a cada dia vêm se interessando, academicamente, por fenômenos estético-discursivos, que envolvem diretamente o homem. Soma-se a isso a possibilidade de trazer para o campo da Linguística uma discussão sobre a maneira como o discurso literário pode evidenciar o racismo e os mecanismos pelos quais legitima a desigualdade e a marginalização do homem negro.

Na atualidade, de um lado, os estudos sobre o literário ganham destaque no espaço acadêmico e cultural, inserindo-o no contexto das abordagens enunciativo-discursivas, que colocam o sujeito no centro do discurso, valorizam seu papel social e reconhecem-no pelo posicionamento, doutrinas, escolas ou movimentos a que ele se filia. Esse cenário de imbricamento da Literatura e da Linguística faz-nos deduzir que o discurso poético que selecionamos ganha força no seio das diversas manifestações estéticas e estabelece-se, construindo o apagamento de uma identidade enunciativa indissociável de sua existência social.

Feitas as considerações introdutórias, ou seja, esclarecidos o tema, os objetivos, o objeto de estudo e a perspectiva que orientará a análise que realizaremos, apresentamos as condições sócio-históricas de produção de *Irene no céu* e as categorias que subsidiarão a análise. No item que se seguirá à orientação teórico-metodológica, faremos a análise de *Irene no Céu*, considerando, particularmente, como já mencionamos, a constituição do discurso literário, a interdiscursividade e a atopia, que insinua o racismo no espaço social. Pela investigação desses dispositivos, queremos colocar em discussão a questão da desigualdade entre negro e branco, perceptível no funcionamento daquele discurso poético, como forma de representação social. Objetivamos, também, mostrar que o discurso atópico opera às escondidas, funciona como um dos organizadores de discurso, define o estatuto que o enunciadore se confere a si mesmo, para enunciar seu discurso, promove o desprestígio do negro e, além do mais, age como um mobilizador de influência sobre o coenunciador. Colocar em discussão, portanto, o racismo em uma perspectiva discursivo-

literária é posicionar-se contra essas formações discursivas, sobretudo nessa prática social em que o negro se encontra mais marginalizado.

Para a Análise do Discurso (AD), a noção de condições sócio-históricas de produção é bastante fecunda, pois ajuda a entender nosso objeto de análise dentro das determinações do tempo e do espaço em que foi produzido e a partir daí verificar os possíveis efeitos de sentido em meio às relações que tais determinações impulsionam. Para tratarmos de *Irene no Céu*, vale à pena lembrarmos que seu autor, Manuel Bandeira, produziu esse discurso durante o Movimento Modernista, que nasceu com a Revolução Industrial, gerada da Revolução de 30, em que Getúlio Vargas impulsionou a industrialização no Brasil. Essa reviravolta política trouxe consequências para a cultura e para a arte, pois reivindicaram, também, para si uma postura nacionalista, que garantiu uma liberdade de produção artística.

O Movimento Modernista teve seu marco a Semana de Arte Moderna de 1922, em que escritores e artistas, em sua maioria jovens, expuseram suas criações com a finalidade de resgatar nossa cultura e consequente ruptura com os modelos importados da Europa. Embora Bandeira não tenha participado efetivamente na Semana, contribuiu com produções em prosa e verso e traduções para a Revista Klaxon, entre outras, em circulação àquela época. A Klaxon, no entanto, divulgava ideais revolucionários em relação à política vigente e incorporava os compromissos modernistas propostos na Semana de 1922.

As criações artísticas exibidas durante aquela Semana mobilizaram os políticos e intelectuais da época e, como podemos perceber, as influências desse movimento cultural configuravam-se em ideais e posicionamentos, que, ainda, se mantêm presentes em nossa sociedade. Vale ressaltar que, para nossos propósitos, o Modernismo, principalmente, em sua primeira fase, queria marcar posição e estabelecer princípios de rompimento com o passado. A todo custo, queria-se modernizar nosso espaço social, valorizar a cultura brasileira em suas diferentes manifestações e, de modo particular, evidenciar o índio, o negro e a língua em uso, na tentativa de redefinir a história e a literatura do Brasil. Em uma época de denúncia da realidade, onde vive o negro brasileiro, em uma espécie de nacionalismo crítico, *Irene no Céu* denuncia a atitude hipócrita da sociedade em relação ao negro brasileiro.

O fato de recorrermos às condições de produção do discurso de Bandeira tem o objetivo de aclarar a base dos processos discursivos, pois, além da perspectiva simbólica



que enlaça o discurso poético *Irene no Céu*, há, ainda, uma perspectiva histórico-literária, presente nessa prática social, que influencia o dizer e o dito do enunciador, que fala de um determinado lugar social ao qual se filia. Tais aspectos, também, serão considerados na análise que empreenderemos.

Há inúmeros fatores que distinguem a espécie humana das demais, contudo, o fato de o homem se estabelecer por meio da língua é algo que interessa à Linguística, por haver inúmeras formas de manifestação linguística e, ainda, por essa linguagem ser canal de estudo do homem em sua comunhão com a sociedade. A literatura, por exemplo, estabelece-se na sociedade como uma forma de manifestação da linguagem, promove intercâmbio social entre comunidades, entre pessoas de diferentes épocas e cria uma rede de informação e um espaço de interação entre os homens de lugares distintos e que são regidos por diferentes sistemas de regras.

A literatura se funda por meio de diversos *atores*³ e instituições; como escritores, leitores, livreiros, editores, livrarias, escola, ou seja, uma vastidão de elementos que, ora mais ora menos, propagam a obra literária para além de seu tempo e espaço original. Assim, a obra literária é artefato histórico de alto potencial representativo de um ponto espacial e temporal de como o homem tratou a própria experiência em suas mútuas relações.

A AD, por ser interdisciplinar, funciona como um dispositivo que não observa a literatura com um olhar enviesado, relacionando a obra literária à estética da época, ou a um contexto social específico. Em consequência de seu caráter interdisciplinar, a AD põe em relação diferentes campos discursivos como o da Teoria Literária e o da Linguística, para tratar de um objeto literário e, desta maneira, não abordar a Literatura por um viés direcionado por uma metodologia da própria Literatura, mas cria uma metodologia específica para cada objeto estudado, a fim de que, pela interdisciplinaridade, se possibilite uma leitura que amplie efeitos de sentido de uma obra literária.

A obra literária se configura para a sociedade e para nós como prática social; nesta perspectiva e parafraseando Bakhtin (2006), podemos dizer que relativamente estável, pois acontece mais ou menos da mesma maneira, tomando para si os mesmos atores, ao longo

³ A palavra atores foi utilizada como metáfora para tornar clara a ideia de que o homem se representa em sua relação social ora com por um papel, ora por outro.



da história e, por isso mesmo, ficando circunscrita à história social. Contudo, mais do que se configurar com, mais ou menos, os mesmos atores e a mesma estrutura, a Literatura se propõe a relacionar o próprio objeto literário com o mundo empírico, em sua época ou em épocas diferentes. Assim, para Maingueneau (2006, p. 44),

não se pode conceber a obra como com uma organização de “conteúdos” que permitam “expressar” de maneira mais ou menos enviesada ideologias ou mentalidades. O “o conteúdo” da obra é na verdade atravessado pela remissão a suas condições de enunciação. O contexto não é colocado no exterior da obra, numa série de camadas sucessivas; o texto é na verdade a própria gestão de seu contexto. As obras falam de fato do mundo, mas sua enunciação é parte integrante do mundo que se julga que elas representem.

Do que antecede, consideramos a Literatura como discurso, na medida em que se apropria da linguagem humana, revela sua relação com a sociedade e as práticas relativas ao homem de determinado lugar e tempo, por meio de formações discursivas, que nos permitem entrever a sociedade à sua volta, por um olhar dentro e fora da obra. Aprender a literatura como discurso não pressupõe apenas aceitar que o discurso se configura como uma prática social circunscrita historicamente. É aceitar, também, que a Literatura possa se instaurar como discurso constituinte e materializar-se por meio de textos organizados por regras, oriundas de um sistema de restrições socialmente concebido pelos envolvidos em uma cena enunciativa.

O discurso literário não acontece como a maioria dos discursos, que circulam comumente, pois ele está organizado, tal como o discurso teológico, o científico e o filosófico, por um sistema de auto e hetero constituição. Isto quer dizer que estes discursos se definem pela posição que ocupam em um interdiscurso, estão marcados na memória da coletividade, não aceitam autoridade senão a própria e, em um sistema restrições, submetem outros discursos aos seus próprios procedimentos, conforme postula Maingueneau (2008).

O discurso literário está todo o tempo submetendo outros discursos ao seu próprio sistema de restrições; desta maneira, há sempre em sua enunciação outras presenças que, embora marcadas sob os aspectos literários, constroem o discurso literário ao qual se incrustam. Assim, seria incontornável dar ao discurso literário um início e um fim, pois, ele



está sempre em diálogo com discursos que se operam dentro e fora da enunciação literária de maneira heterogênea.

Há tendências discursivas que consideram o racismo, por exemplo, como discurso bifurcado, relacionados à cognição e ao autoritarismo, van Dijk (2001). Entretanto, consideramos que o racismo se instaura em *Irene no Céu* de maneira visível, mas clandestinamente, pois, embora este discurso seja formador de práticas sociais, ele não está autorizado a manifestar-se pela sociedade que o forma, pratica-o e dissemina-o, constituindo-se, por conseguinte, como atópico no espaço enunciativo do discurso literário. No funcionamento desse discurso, reúnem-se práticas que estão submetidas à enunciação literária de modo a criar tensão entre o socialmente aceito e a insinuação clandestina do racismo, em um diálogo entre o homem de antes e o de hoje, levando em consideração as relações discursivas, que podem servir como mecanismos sócio-discursivos esclarecedores. Vamos, então, à análise:

Irene no Céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

O discurso *Irene no Céu* foi publicado na obra *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, em 1930 e, nessa obra, estão reunidos discursos vanguardistas, na medida em que inovam em relação à forma composicional, ao tema e ao estilo. Ao lado de *Irene no Céu*, encontram-se discursos como *Poema retirado de uma notícia de Jornal*, *Poética* e *Pneumotórax*, cuja temática sobre a morte e o preconceito racial perpassam sua enunciação.

O enunciador enuncia seu discurso em meio às condições sócio-históricas e culturais do Modernismo brasileiro. Por isso, vale lembrar que, nesse período pós-abolição da escravatura, o negro e as questões culturais ligadas a ele estavam na pauta das discussões em virtude da exploração e da pobreza a que estava acometido. Embora entendamos *Irene no Céu* como um discurso literário, ele é, ao mesmo tempo também, uma prática histórico-social que, de certa forma, flutua entre esses dois campos discursivos. Ou seja, *Irene no*



Céu mobiliza uma dupla cenografia: uma ficcional decorrente da literariedade e outra histórica, na medida em que recupera as condições de sua produção e a dirige a um coenunciador. A inter-relação dessas duas cenografias torna-se fundamental para nossa análise, uma vez que se constituem um ato de fala em que podemos detectar as condições sócio-históricas e culturais e os posicionamentos do enunciador e do coenunciador.

Como podemos perceber, *Irene no céu*, em sua forma composicional, é um discurso breve, mas crítico, de apenas sete versos, sem simetria silábica, muito comum à grande parte dos discursos poéticos da época. Esse traço é característico dos enunciados de Bandeira, que desconstrói a simetria silábica em todo seu *opus* autoral e, inclusive, critica a simetria lírica, que condiciona o discurso poético a uma estrutura rígida.

As duas estrofes que integram o discurso poético, em análise, têm preocupações distintas. Na primeira estrofe, a apresentação de Irene, apreendemos o enunciador descrevendo Irene: (1) *Irene preta/* (2) *Irene boa/* (3) *Irene sempre de bom humor*. O enunciador topicaliza e identifica Irene pela cor da pele e por aspectos comportamentais acidentais, reconhecendo-a e qualificando-a sem atributo algum de privilégio de uma classe social, que pudesse incluir Irene, o que nos faz evidenciar um fato costumeiro àquela época em relação ao negro.

A exclusão simbólica manifestada em *Irene no Céu* parece tomar forma a partir da observação dos primeiros recortes do discurso. Assim, os recortes 1,2 e 3 estão centrados em Irene, delineiam sua identidade de submissão pela cor da pele e comportamento e, embora o enunciador não a caracterize por valores de reflexão moral, para lhe atribuir uma identidade, busca constitui-la como o centro do discurso.

Convém dizer que, em *Irene no Céu*, o enunciador não explicita a questão do racismo, visto que este emerge como uma unidade atópica; entretanto, coloca-se diante de Irene e constrói para si um *ethos*, cujas marcas levam-no a descrevê-la como um estereótipo pelo qual construímos efeitos de sentido racista. O fato de o enunciador se reportar a traços de comportamento, apreendendo Irene *boa e sempre de bom humor* objetiva esvaziar os atributos de pessoa e construir uma instância arquetípica de Irene, aquela que não é branca, não é má, nunca está de mau humor.

Como estamos considerando as condições de produção no processo de construção de efeitos de sentido, temos que admitir que o movimento estético-literário e o momento



histórico, no qual se circunscreve *Irene no Céu*, habilitam-nos a afirmar que a construção do arquétipo de Irene está relacionado às mulheres negras e ao negro, em geral, do período pós-escravidão brasileira. Nesta perspectiva, os primeiros recortes de *Irene no Céu* deixam de ser simplesmente uma descrição informativa de Irene, para instaurar um ator social situado no tempo e no espaço da enunciação. Podemos observar, ainda, que a primeira característica de Irene é ser *preta* e é, em decorrência da cor de sua pele, que se nomeiam outros aspectos de sua personalidade.

O segundo recorte de *Irene no Céu*, embora curto, pode ser subdividido em duas partes; a primeira está enunciada em discurso direto, (4) *Imagino Irene entrando no céu*, construção livre em que o enunciador, na organização desse discurso poético, rompe com os padrões estéticos do passado e constrói a enunciação com um tom coloquial. Uma vez que o enunciador se identifica com o sujeito oracional, apreendido em primeira pessoa, na desinência verbal, podemos afirmar que recuperamos em *Irene no Céu*, por meio de suas condições de produção, um sujeito social, que reorganiza o foco norteador enunciativo do discurso.

No recorte seguinte, temos ainda uma última parte, em que se inicia um diálogo entre Irene e São Pedro⁴, figura retirada do discurso teológico, que referencia uma série de práticas sociais e que assume um posicionamento particular no funcionamento discursivo: (5) *Licença, meu branco!*/ (6) *E São Pedro bonachão:*/(7) *Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.* Percebemos no recorte 6, tal e qual nos recortes 1,2 e 3, que São Pedro é descrito; entretanto, sua descrição está marcada por menos detalhes que Irene, pois apenas um traço de comportamento o caracteriza (*bonachão*), mas que o resume como uma pessoa bondosa e paciente.

Ainda no último recorte do discurso em análise, evidenciamos que o diálogo, firmado na enunciação, especifica criativamente a estética moderna, que, por sua liberdade formal, atenua a diferença entre a poesia e a prosa e que, por essa manobra vanguardista, permite ao enunciador manipular tanto a forma como o conteúdo do discurso, se observarmos, também, a assimetria constituída entre Irene e São Pedro. Como não há discurso neutro, podemos inferir aqui que o diálogo estabelecido entre Irene e São Pedro

⁴ No imaginário cristão, São Pedro é uma espécie de porteiro do reino do céu pelo qual todo homem tem de passar depois da própria morte.



funciona como um pretexto para uma reflexão existencial desencadeada pelas condições sócio-históricas em que esse discurso foi produzido.

No recorte (5) *Licença, meu branco*, Irene inicia o diálogo, pede licença e dirige-se a São Pedro, tomando-o com as credenciais de porteiro do céu, ativado de sua memória discursiva. Esta forma de tratamento dada a São Pedro tem a função de sinalizar que, no funcionamento discursivo, o enunciador rompe com a perspectiva estética prevista para o texto, para lhe dar um cunho histórico-social, perceptível na relação Irene/São Pedro, no momento em que Irene identifica São Pedro, chamando-o por *meu branco*, apreendido por uma relação metonímica.

Assim, como Irene é descrita pelo enunciador como preta, São Pedro é descrito por Irene como branco; a partir disso, podemos afirmar que as condições preta e branco se inscrevem aberta e antiteticamente no espaço discursivo, auxiliando-nos na produção de efeitos de sentido de distanciamento nítido entre aqueles indivíduos. Por isso, a oposição Irene *preta* e São Pedro *branco*, faz-nos compreender que a distinção entre os indivíduos por cor da pele, ou seja, por classificação racial, influencia os padrões de relações sociais e estabelece uma hierarquia de desigualdade nessas relações.

O diálogo entre Irene e São Pedro continua com a voz de São Pedro no recorte 7, que se abre com um convite a Irene com o verbo no modo imperativo (7) *Entra*, e progride para o referente *Irene*. São Pedro, na enunciação, trata Irene com aparente cordialidade e é a ele que cabe permitir ou não a entrada de alguém no céu. O diálogo prossegue e, no recorte (8) *Você não precisa pedir licença*, São Pedro rompe com o tratamento formal iniciado por Irene e chama-a você, causando um estranhamento, ao quebrar a expectativa criada por Irene no recorte 5, quando afirma que *ela não precisa pedir licença*.

O discurso literário *Irene no Céu* é atravessado por discursos e práticas discursivas presentes na época de sua produção e, também, de circulação. Esta propriedade interdiscursiva pode ser percebida pela heterogeneidade mostrada, acessível ao aparelho linguístico pela figura de São Pedro, retirada do domínio do discurso teológico, que adentra literário, para produzir efeitos de sentido disponíveis à apreensão do analista. A intersecção desses discursos elabora a prática discursiva literária, construindo uma cenografia que recria a noção de poético e reorganiza uma prática enunciativa concebida no *archeion* social, que é a própria enunciação poética. Esses discursos remontam uma concepção de

formação discursiva, condicionada à época de produção de *Irene no Céu* e revelam, assim, o sujeito em relação ao processo interdiscursivo, submetido ao ato enunciativo, que é recriado no discurso de Bandeira.

O discurso *Irene no Céu* evoca, de maneira interdiscursiva, práticas sociais relacionadas ao negro brasileiro no início do século XX pelo canal da memória discursiva e das condições de sócio-históricas de produção. Notamos, a partir dessas condições, uma relação de hierarquia entre o arquétipo construído para Irene e aquele construído para São Pedro, em que o segundo exerce uma relação de poder sobre o primeiro, pois cabe a ele permitir a entrada ou não de Irene no reino do céu. Vale à pena observar, também, que pedir licença a um branco faz parte das práticas sociais do negro. Vemos com isso, a estandardização da hierarquia em relação à Irene, recuperada pela memória discursiva pelo tratamento que o negro recebeu do branco. Portanto, (re)constrói-se no processo enunciativo uma prática social comum, na qual Irene estaria habituada.

Estas afirmações pertinentes ao espaço discursivo não têm nada de retórico. É uma condição atópica recuperável por meio da memória discursiva, que se reporta a uma noção de hierarquia construída e firmada socialmente, que modula o comportamento do negro diante do branco. Enquanto Irene é descrita no processo enunciativo e se comporta de maneira subserviente, São Pedro, branco, é descrito pela voz do negro e comporta-se como aquele que concede espaço. Neste sentido, o discurso atópico da desigualdade racial é insinuado por meio da prática social incutida em outras práticas, tais como o diálogo informal, uma conversa corriqueira em frente a um portão, ou pelo atravessamento do discurso teológico, conforme pudemos observar no funcionamento discursivo de *Irene no Céu*.

Resumindo o que nos propusemos a fazer ao longo desta discussão sobre a unidade atópica racismo imposta ao negro pelo exame de *Irene no Céu*, com base na Análise do Discurso de linha francesa, privilegiando a proposta teórico-metodológica de Maingueneau, podemos dizer que evidenciamos um discurso complexo, afastando-nos da ideia de simplicidade estética e de conteúdo que recai sobre este discurso de Manuel Bandeira.

A escolha da Análise do Discurso para abordar um texto literário, ou seja, a possibilidade de aliança entre Linguística e Literatura, que nos parecia divergente em alguns aspectos, tornou-se produtiva e sem maiores dificuldades. Para atenuar esta

oposição, primeiramente, tomamos *Irene no Céu* como uma prática social condicionada às condições sócio-históricas do momento em que foi produzido. Recorremos ao contexto do Modernismo Literário brasileiro e verificamos que o discurso que retiramos de Manuel Bandeira trazia não somente uma manifestação de ruptura estética e uma nacionalização da arte, mas também a problemática sociocultural, que envolvia a condição de desigualdade social a qual estava submetido o homem negro brasileiro, após a abolição da escravatura.

Em um segundo momento, verificamos que a categoria de discurso constituinte e a de unidade atópica poderiam ser selecionadas para a nossa reflexão, a fim de melhor servir aos objetivos a que nos propusemos. Observamos que o discurso literário, por ser constituinte, nas perspectivas de Maingueneau, dá sentido aos atos da coletividade e, por isso, pode legitimar uma prática social, ao tematizar sua própria constituição. A marca constituinte de *Irene no Céu* dá a seus enunciados, no funcionamento discursivo, um estatuto particular, na medida em que possibilita uma maneira específica de circulação da desigualdade social estabelecida entre negro e branco, nascida à época da escravidão e que perdura até hoje.

O pertencimento de *Irene no Céu* ao que Maingueneau denomina unidade atópica, tem a ver com o silêncio e a clandestinidade que se impõe sobre o racismo que circula na sociedade brasileira, renovando-se dia-a-dia sob diferentes formas, mas de maneira encoberta e, às vezes, tolerada.

A análise de *Irene no Céu* e das condições de enunciação desse discurso revelou-nos que, na simplicidade aparente de sua organização, encontra-se o estímulo à identificação de uma questão não focalizada abertamente, mas possível de depreender pela competência leitora de co-enunciadores, quando aproximam a figura do negro e do branco em meio a focalização das condições sócio-históricas e culturais de produção e circulação do discurso de Manuel Bandeira. *Irene no Céu* é, portanto, um discurso atópico, pois ele não está no território na enunciação, mas está entrelaçado a outros territórios, deixando marcas sutis de sua presença, configuradas nas práticas sociais do negro e do branco brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.

BORDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FONSECA, Rodrigo Oliveira. Condições de produção do discurso e formações Discursivas: uma proposta de abordagem da práxis discursiva. *Revista Icarahy*, ed.4. Rio de Janeiro: 2010.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso* – aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola: 2012.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. *Práticas discursivas – crenças, estratégias e estilos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

IANNI, Octávio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

GOFFMAN, E. *Estigma*, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

Lajolo, M. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MAINGUENEAU, Dominique *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

_____. *Cenas da enunciação*. Org. POSSENTI, S.; PÉREZ, M.C. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *O Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*, São Paulo, Parábola, 2010a.

_____. *O Discurso Pornográfico*, trad. MARCIONILO, M. São Paulo: Parábola, 2010b.

Van Dijk, T *Discurso y racismo* Publicado en David Goldberg & John Solomos (Eds.), *The Blackwell Companion to Racial and Ethnic Studies*. Oxford: Blackwell, 2001.

*Recebido em março de 2014
Aprovado em maio de 2014*